

Pela
Estreiteza
Dessas
Palavras
Vãs
Guilherme braz

A poesia

Q viceja nos mares

Q pinta os nossos lares

Q recorta nossas paixões

Por leves faisões

Faz o corte de minguaços

Seja em sebos ou mercados

Enche todos os nossos seres

Entre mil e outros fazeres

De deleites fraternos

Conforta homens de ternos

Enternescidos e tristes

Fociferando barbaridades

MAS Entre a cidade, ainda há arte.

A morte da primavera

A morte da primavera veio a nos assolar
A todo asseio de nos consolar
Fez sua morte, em vida, nos destrambelhar
Da forma a tudo nos soar como um apagar.

A morte da primavera não veio ao acaso foi obra de milénios. Foi ledo aceno aquilo de raso que rege a todos nós, companheiros a sós.

A morte da primavera não causou espanto, foi mais um engano q nos passou abanando por entre carnavais e canaviais.

Ela passou. E nós ficamos. Agora o q faremos?
Viveremos em plenos sorrisos de escarnio a vida? Ou sacudiremos a poeira ou, faremos a sexta feira, em mais um balcão de sonhos.

Sentido

A esquerda ou a direita
Em cima ou em baixo
Conforme a musica
Ou apesar de tudo.

O vetriloquo não fala
A calça não abaixou
O homem se apaixonava
O alcolatra o encontrou
Em uma esquina se perdeu
Uma peça de orfeu.

Dentro dos bares
Embaixo dos mares
Na formato de um labio
Emoldurado ou desenhado
No sorriso desdenhado
De um louco embaraçado
Por uma ideia fixa.

Restaurante

Descobrimo artes a la carte

Envergonhado de um face a face

Recitando versos histrionicos

Ou desnudando entes roboticos.

Treinando para ser algo de melhor

Ou buscando ser logo o pior

Me meto em emboscadas sutis

E passo por mil outros anis

Antes de chegar ate o final

Em cima da pedra de sal

Sendo servido por pessoas alheias

A sua causa transcendental

Correndo entre suas veias

Por entre suas conversas

em tom casual

Consequencia de negatividade passiva

Da foto não revelada, da negativa

Q se perde no tudo q nos engana

De uma sala em chamas

Verso escuro de memorias desbotadas.

Dureza

Entre carros, jornais com idade
Homens eretos caminhando a parte
Me lanço por entre muros e
Gritos opacos, zunindo, desantentos
De seus proprios pensamentos.

Continuo sentindo um apreço
Um susto de mim mesmo
Reduzindo uma vergonha no estar
Caminho entre assuntos com destreza
E um, talvez, quem sabe, quiçá
Leve sentimento de tristeza.

Descobrimdo ruas apartadas e repelentes
Demonstro meu coração como um valente
E tento andar com meu proprio charme
Diante a tanto olhar indiferente
E vidas a la carte.

Passeio

Olhando cabelos descoloridos
Cena comum, cotidiana
Passam assim todos iguais
Fazendo a sua mediana.

Monocromaticos seres,
Daonde vcs vem?
Vem do além?
De um cemiterio de sonhos?
Do pá, peito e acém?
Ou da boca de cronos?

Desavisados pelo tempo
Buscam sempre um alento
Uma visão menos desigual
Um montante mais real
Uma caderno de anotações
Um terço na mão e visões
De um mundo menos amoral.

Tentação

Buscando lugares, coisas
As mesmas pessoas.
Tentando várias, multidões
Entre tantas tentações
E passos tingidos pelo tempo.

Colocando a cada momento
A mesma sensação
O mesmo vazio em tentativas diferentes
Solidão.

Artes foscas corroidas pelo passar das noites
Entre tanto fingimento de que tudo estará bem
Me sento além dos pesares, açoites
Papelotes de cem.

Ternuras hipócritas, pensamentos desconexos
Repetições de assunto
Passos largos a frente da sua hora e
A orla de copa aos olhares de todo mundo.

Opinião

Faço casos homéricos, novelas dantescas
Teias de aranha sobre a tela do artista
Um novo sopro de vento
E os passos largos, da bailarina fresca.

Rima consentida

Povo satisfeito com o mediocre
Neologismos afrescalhados
E palavras de dicionários empoeirados
Lauto banquete para as traças.

Fazendo tudo de forma comedida
Passos adiante há muito tempo atrás
Tudo muito célebre, contumaz
Quem dirá que dá sono não enxergou
Por completo a hora da verdade
Por outro lado da cidade

Desconstrução

Pelas palavras, começo a sangrar
Um tino inocuo a passagem do tempo
Facínora questão milenar
Pressagio de novo nascimento.

Passos comedidos, transviados
Passam por olhares, anexados
Fazem vistas cansadas, ardidias
Transformam-se em largas, avenidas
Descobrimdo-se faces, perdidas.

Recubro-me de razao, resignado
Por entre tanto machucado
E o assopro de uma luz
Entre o que pisca e o q reluz
E mares de leite puro
Por mais duro
Assumo q me resta sonhar
Com um novo luar.

Periculosidade

Passo as mãos pela água

Agil, perversa e sábia

Converso com os seus cabelos

Ainda que se mostre rasa.

Cômpito de várias luzes

Destino de aventureiros

Várias historias, varias cruces

Um completo pardieiro.

Perdem se entre seus detalhes

Cortam se sempre pela metade

Descobrem se muito razoáveis

Entre si mesmos.

Hipocrisia aduaneira do dia a dia

Repetição constante da mesma sina

De acordar cedo, para morrer tarde

Ou o contrário.

bem rápido, sólido, constante arte

Um homem de várias qualidades

Morrendo pelas metades.

Galópode

Faço tramas inócuas, perdidas
Um testamento de feridas
Um calabouço de mentiras.

Perco sentidos em sua frente
Um terço que me mentem
Dois q não me sentem
E três que me representem.

Novilingua das palavras
Algo incomunicavel
Um momento de repletas
Coisas *impronunciavel*.

Um palhaço sem plateia
Um ovo sem gema
Um povo na miséria
Uma língua sem trema.

Descobertas, destino
Juliette na hora do hino
E um minuto de "silêncio".

Televisão

Sempre calados, monolito
Dirigindo-se rumo ao vazio
A beira de um caudaloso rio
Aguas passadas de um calado brio.

Passo, sento, me sinto impotente
Repito mil e outros, entremente
Faço casos invisíveis, de repente
E repito a mesma linha, para sempre.

Descubro atos, passagens
Varias faces de uma mesma rinha
Passo, incólume, a mesma sina
De outros dias, outros ouros
A mesma matéria prima
Deletério.

Sinais de um tempo próximo
O fim de todos os outros
Uma asfixiação criativa
Um aplauso no escuro
Mistério.

Um enorme vazio

Faço paredes mentais, segurando vitrais
Ocos e transparentes, pela força dos sinais
descobrimo cada detalhe por último
Assim como deve ser, um leve repúdio.

Verborragia, misturando prateleiras
De dentro da minha cabeça
De segunda a sexta feira
Um trabalho interminável
De existir conforme os conformes
Um ato inominável
De homens com uniformes.

Nomes difíceis de serem pronunciados
Visões simples, passando, intercalados
Rumo as fábricas dos desavisados
A vida oca dos trespassados.

Fim inócuo de um ser louco, tardio
Buscando terra firme em um mundo perdido
Siesta longa de um homem partido
Ao meio, talvez, pelas coisas, vencido.

Franciscano

Tranverso, transmuto, palavras, sentimentos.

Converso, mudo, representações de mim mesmo

Decisões acertadas sobre o fim de cada qual.

Facilito mudanças, conexões, etapas

Primeiras, austeras, repelimentos

Sobre a caixa do ausente

Sobre a pele do pretendente

Coisa uniforme de cada dia.

Sorradeiras, múltiplas formas

Conversam debaixo de varizes

Lunetas, descobrimentos da palavra vã

Nomes de detalhes sobrenaturais

Hora de deitar sobre a lua

Horizontalmente, facilidade facilitada

Por entre pontes de saberes infinitos

Caixa d'água da morada do azar.

Fazeres

Deito sobre a lua do seu olhar
Faço mingau de seus dizeres
E como a penuria ululante das ideias.

Momento eterno de um ser imaculado
Deitado sobre a perna dos ditados
Caso pensado mas não dito
Tentativa vacilante de um ser pensado
Zureta meio louca cataplegia boba
Normativa sensação de nunca lhe encontrar.

Fosco elegia, maravilhosa sapiencia
Choro baixo da consciencia
Representado por um entre muitos
Pretendentes de nunca mais.

Foi se o que era doce
Entre o senso comum e a praia
Fugindo de tudo isso que nos consome
Dia após dia
Lambendo os beijos
Pra hj e nunca mais.

Caminhos oblíquos, destinos paralizantes

Dentro dessa estrada, q conduz ao nada
Me falseio de tudo, um ser sujismundo
Buscando uma parede, matar a sede
Q sinto dentro de mim, cheiro podre de jasmim
Morta por um curumim.

Calcifico meu olhar, repreendo meu penar
Aturo tantos, escondo meus prantos
Sobre velas perfumadas, sorridentes, mal
ajambradas, continuação de um desejo terreno
Um tortuoso momento de espera, um aceno a
eternidade e um sentimento de saudade.

Falas corriqueiras, pederneiras, falam de algo oculto,
um grito mudo, q se perde no espaço
Entre uma partida de futebol e o mormaço quente das
tardes de verão, uma visão do inferno na terra, uma
nota de samba canção
Um carnaval na mente dos desavisados, dos
desvalidos e dos sentidos perdidos num hospício a céu
aberto, objeto de estudo, uma visita rapida a esse
nosso cemitério.

Nota

Tentativa louca de se encontrar
Por entre palavras, sinais vazios, signos
Q significavam algo antes de se tornarem simples
gestos de comunicação verbal
Um protesto discreto a tudo q se prende a tela do
tempo e teima a não sair.

Tudo isso q se encontra no agora
É um montante de outrora
Feito realidade no hoje
Pra nunca mais, entremente
E assim, sucessivamente.

A película de realidade q nos impede de ver
Tudo aquilo por tras dela
Uma cancela do animal humano
Tornado impostor, um simples tutano
De vivacidade animal, buscando
Um prisma secreto, abusando
De sua propria sorte, uma pequena morte
Perdoe o meu francês, consorte.

Historia da repetição

N se cansam de se queixar os homens
Pelo húmus cansado de seus adjetivos
Coisa singela quando vista de longe
Mas com gravidade quando sentida na pele.

Lisura completa dos sentidos
Penuria repleta de martirios
Por entre anos e séculos
Força jovem dos mistérios
Catalogados pelos ecos
De um grito seco
Rejeitado pelo homem moderno.

Protesto de um povo com mil linguas
Uma nova torre de babel
Um fel na mingua do homem papel
Uma calida sensação de frio
Um rio gelado, iluminado pelo céu
Q corre pelas veias do poderoso
E do homem selado pelo destino
De cantar um hino imaculado
Representado pelos silencios dos que não o veêm.

Vida

Facilmente se percebe a silhueta insinuadora
De sua miragem escassa, perdendo-se no tempo
Opulencia farta de uma mesa vazia.

Tortuosos são seus caminhos, palavras comidas pelas
traças, dentro de um tempo
Passível de julgamento feroz, atroz
Pelos seus víveres, entranhas ambulantes
Rumo ao pó daonde vieram.

Hora de se perder no caminho vacilante de seus
mandos, mãos fortes com mandamentos mansos, que
fazem de seus ditames
Ungentos aos olhos cansados de meu corpo
Obrigações de um homem detido por forças
Maiores de q a si mesmo.

Filme clichê na televisão
Pedem bis para você
Os seus sentidos violados por um mundo indiferente a
tudo e a todos, passa a mola motriz da historia com
zelo somente a si.

Coisa

Coisa uniforme são os dias atuais
Em que o homem é reduzido a sua propria caixa
Sem poder se queixar sem ser posto numa outra
Ainda mais achincalhante e humilhadora

Triste destino dos que não levantam a voz
Apenas assentem com a cabeça
Para os lados, ou para cima
Em busca da aprovação humilhante
Do antro de covardes q nos cercam
Como uma trincheira invisível.

Busco apenas lhe alertar
Do som dos uivos roucos!
Dos lobos anciãos!
Dos jovens apalermados!
E dos adultos idiotizados.
Preste atenção! Aqueles q lhe consentem
Quando demonstrar fraqueza de espirito
Buscam apenas lhe incidir num foco paralizante
E escondem seus tomates para o momento oportuno,
quando não haverá refugio.

O revoar da esperança

Onírico tilintar, da forma abstrata do ser
Q chora, pede esmola, da aurora ao entardecer
Construção cálida daqueles q sentem esvanecer
Uma forma pura, construída pelo enternecer
Brando sentir do que ainda virá a poder.

Tentativas vãs de abrir um vão, um solavanco
Daquilo q há de mais são, um verde banco
Q abriga uma alma penada, por um barranco
Destinada a vagar pelas entrelinhas, um pranto
Quebrando o silêncio da tarde, semântico.

Guerras, fome, miséria, tudo o mais q há na terra
N pode impedir, nem sequer tentou abolir
O sentimento polido, de um homem emborrecido
Com mais uma injustiça cotidiana, q abana
Uma folha de contas a pagar, um triste tear
Abandonado na lisura, um velho puma
Prestes a desencapar.

Nada, amanhã

Solidão conjunta dos nossos afazeres
Busca sinestésica de novos prazeres
Tolindo mares pelas metades
Uma pausa do cotidiano em pranto.

Repelindo mosquitos de paixões anteriores
Que afagam sentidos posteriores
De futuros promissores
A posterioris.

Que isso tudo não lhe diga nada
Mais do que a pura verdade
De nossa condição de mata
Virgem do olhar em prata
Pura da misteriosidade.

Construção inócua de viscosidade pura
Se perde pelos dedos da lisura branda
De seu gesto venenoso, direção escura
Novos ares, novos planos, um urra
A tudo aquilo se pretendeu prometeu
E se perdeu.

Ultimamente

Tenho ouvido passaros cantando
Pela metade dos seus ombros
Pelo gorjear dos seus sonidos
Tem se escondido um leve estrondo.

Pois tudo q era açúcar, se desfez pelo caminho
Do choro tingido das chuvas de outono
Da leve desinibida ultrajante e perscutada
Sinfonia de sei la mais quem.

Percebe-se um forte desejo de sibilar pelos mares
afora, um cheiro de sabor das ondas
Um calice derrubado na ultima hora, um drama
Melodramatico adolescente sobre uma menina
Que fugia de casa as seis horas da tarde, de maneira a
enganar-se de si mesma, ou sei la mais quem, ou o
quê ou...

Sorte

Por entre livres, leves praças
Coloridas em tom pastel
E a cor do céu plasmada
Em nossos braços de anil
Homens de fuzil nos alardeiam
Triste sorte de ser brasileiro.

Descobertas anseiam pelos nossos olhos
De frente, trás e por todas as visões
Do mundo cadavérico
Me faço um périplo de palavras tenazes
Um leve sopro de esperança.

Por trilhos q n servem mais a bondes
E a mais ninguém de fato
Me faço uma mãe de comiseração tenra
Por tentativas loucas de compreender
O que já se tornou impossível de.

Ri-se até aqui

As lentas gastas do ser moderno
Podem até servir de presépio
De uma idéia fixa perdida
Convalescida pelo tempo.

Posso até jurar mentiras
Descobrir novas dores
Falecer de duras iras
Mentir sobre amores
Padecer de verdades.

Profícuo o lucro
Do ser abjeto
Objeto de aplausos
Um mistério completo
Uma peça sem graça
Do povo, da massa
Sardinha enlatada
Prestada a consumo
Por um insumo
Deleitada, deletéria
Um final de festa.

A ultima

Veze que se fez burgues e deu na lona
Invisível de chagas partidas
Por uma foice enferrujada
Por uma broma argentina.

Jurei perdões a milhão
Construí uma canção
Dedicada a minhas mentiras
De mil e uma, combalidas
Por multidões esvanecidas
Por um sentimento de orgulho inato
A todo ato com palco
Um talco na traseira do neném.

Comidas imastigáveis
Ideias inapropriáveis
De formosuras límpidas
Terceira mulher atingida
Por nefastas acusações
Pelos seus quinhões
De samba-canções.

Em meio a escuridão, sejamos luz

Sejamos luz nos escritorios obliquos da cidade
Inundando lares, escrevendo novas linhas
Imundando praças com a nossa verdade
Com todas as nossas verdejantes varinhas.

Reassumindo valores antigos, criando novos
Pondo a carne crua a prova, do sol dos povos
De toda a terra, sobre a singela tarefa
De produzir algo de melhor, ou pior
Sobre os olhos daquele q não se permite ver
O plantio de uma flor, quiçá o seu florescer.

Embotado de palavras vãs, faço essa poesia
Buscando portanto, uma discreta magia
De olhar um prisma de uma maneira nova
Fugindo do olhar ciscante daquele q reprova
A mais discreta e ingenua e timida tentativa
De abrir uma nova perspectiva
Horologia pobre de uma elite q não vê a hora
De se esvanecer sobre o peso da sua cova
Aberta de paixão e apologia pela apatia.

Desinteresse

Continuo zunindo, alheio a mim mesmo
Partindo dessa para outra melhor
Fazendo casos a parte
E destruindo lares fictícios.

Cataplegia, insônia, tudo malcomunado
De noites ensoradas por dentro
E tardes morosas de paixão e sentimento
Construo edifícios sem vitalidade e de papel
Por entre dores nubladas q escondem o céu.

Fazendo graça de mim mesmo
Um apreço debochado
Repetindo dores algozes de um ser interior
Que repreendem, censuram, falseiam
Uma coisa q n se deve esconder
Pois o mal q faz é a liberdade de ser
Algo mais q a mediocridade do dia a dia
E a pólis continua entre polia e polimento
Disfarçado de cotidiana hipocrisia.

Mentiras

Fazendo pausas em meio a repetição
Causada pelo medo em ebulição
Por dentro, por fora ou em volta
Transformo-me em um humano
Detentor de um poder imenso
E penso como seria viver
Em um mundo menos penoso
E menos humunculo e errático.

Construiria pontes de amizade?
Em meio a tardes nevoadas?
De ressabiamento das trevas!
Q nos cercam em sua volúpia?
Sua perdição fantasmagórica...

Porém, volto a realidade
Recolho meus cacos
Dou boa tarde a Barcellos
E saio de cena a vontade.

Descobrimentos, unguentos

Insolito sentimento de verão varão
Repolhos mal cultivados na colheita
Prole maldita de uma seca insistente.

Recolho minhas mãos ao infinito
E peço a deus uma água voraz
Q faça rio do meu pranto
Eterno, enfermo, prosélito
Q se expande de forma audaz.

Catapultado a vida, de forma abrupta
Recolhendo os formatos de outrora
Olho meia hora para os lautos banquetes
Da corte privada de minhas paredes
E penso em quiçás, obras tolas
Q se esvaem de tolice, boba
Sentinela posto a prova
De uma prosa fora do tempo.

Ódio

Me refiro a palavra ausente
A mão que assente levemente
A justiça q condena, de forma pueril
Nos recantos esquecidos do brasil.

Pequenas diferenças q afastam
Pesadas aparições q rebarbam
Uma linha tênue entre o real e o irreal
Travestida, talvez, de aurora boreal
Uma questao pessoal.

Conversações de lucros indizíveis
Pelas folhas de um jornal desbotado
De anos passados, q já perderam o sentido
De ser, por entre conversas risíveis
Dentre os padrões atuais.

Cocos abertos em praias longínquas
Recebem o lauto banquete das ondas
E aparecem inuteis aos olhares do homem
Preocupado em alimentar a fonte primaria de sua
propria miséria.

Povo

Desinibidos olhares de seres abjetos
Constroem casas de cataplegias
E retornam aos seus destinos
Desapercebidos.

Medos incarnados em peles ressabiadas
De sentimentos incomodos, populares
Infames sentimentos de pertencimento
A castas baixas, a desatinos orgulhosos
Foices cortando caminho a meia noite.

Destemidos seres retornando ao passado
Por entre folhagens de ilusões
E consturindo caminhos de esperança
Uma passagem.

Tempos modernos

Desatino orgulhoso de sibilar por entre palavras
Murchas, sem forma, cotidianas
Mas palataveis julgando se o maximo
E tranformando a vida num asco.

Repetem-se moldes eternos, puxando um ao outro,
várias manifestações do mesmo tom monosilabico,
em cores pastel.

A moda é ser qualquer coisa q não a si mesmo, nem
nada que remeta ao intrinseco dentro de cada um, um
revide, um soco no estomago perante as vicissitudes
da vida.

Nem as noites parecem coadunar tão bem
Com a pobreza q se assiste dentro disso tudo
Q se chama vida moderna, q parece engolir
A tudo q se chame vivo, moderno, novo, insinuante.

Chato

Preciso de uma contrapartida inexpugnável
Um calice feito de dedos apontando
Para um novo amanhã.

Transformam-se as horas, o tempo em si
Apresentando várias facetas de um mesmo lugar
Que se misturam com a verdade de um olhar azul, q
se esvanece dentro das memórias.

Gols de artilheiro, q n foram gravados
Pela pobreza subjetiva e intrínseca do tempo
Girando em espiral rumo ao abismo da opinião
Jocosa, desdenhadora de novos gastos, de facas
enferrujadas enterradas na areia.

Sobrepujando a altura q não alcança
Prateleiras altas, montanhas q nos olham de cima,
tortuosas estradas bolivianas, q carregam com si
milhares de esperanças diferentes, de estar em um
lugar melhor, morrer hj ou sobreviver amanhã...

Torto

A direito faço de minhas observações
O calice limpido de um novo dia
E me perco em desvarias soluções
De algo ja pronto, mas mal calculado
Dentro das prendas assassinas do cotidiano.

Preciosismos elucidarios, post mortens do amanhã,
se fazem de bobos para n aprenderem
Uma lição polida, casta e desconexa do real
Tais são os prementes acontecimentos
Vistos da cena do crime.

Virgens míopes preparam a ceia do magnata
Preocupado apenas em ocultar seus varios delitos,
sob a egide de um novo dia
Para se locupletar ainda mais de seus minions
E fazer da sua vida ou a minha pobres construções
feitas de taipa e madeira
Construidas na beirada do abismo
Tal é a sorte dos desavisados.

Silencioso

Passo por ruas de carros raivosos
E danço por maracutaias desinibidas
Pelo calor intermitente de ser a si mesmo.

Procuro salas de estar, vestimentas polidas
Q dizem um algo a mais, nem que seja do avesso
Das palavras utilizadas, da boca do acusador
De mulheres translúcidas por um mar de acaso.

Repetindo os mesmos tristes périplos
Sigo pela profundeza do amanhã
E transcorro uma naturalidade pérfida
Os fatos e acontecimentos corriqueiros
Como se nada houvesse acontecido
Um marinheiro com tatuagens cegas
A olho nú, discorrendo suas mágoas
Por mares desconhecidos para
Até o mais ancião velejador.

Periculoso

De terno esbelto em sol do meio dia
Desatina um ar orgulhoso pela avenida central
E julga-se o maximo q a humanidade pode oferecer
dentro de seu ar condicionado
E sua limosine prata.

É dirigido ao mais próximo alfaiate
Que já tem as medidas exatas de seu desvario
E corta as reprimendas naturais de tanto sobejo
Com linhas retas, macias e suaves.

Constrói um palacete vinho no alto da montanha
E faz de si mesmo um montante de grana
Em chamus no baile da cidade mais badalado
Enquanto as máscaras, no andar de baixo
Mal percebem o retoque da linhagem humana
Acontecendo no andar de cima de suas cabeças
Loiras e de louros e marasmos suntuosos
Dividas vivas e ainda a serem pagas
Declarando falência do viver na terra.

Sentimentos

Desvio por passarelas a céu aberto
De pernas perniciosas postas a provas
Por seres, embustes com almas de chucrute
Prontos a qualquer combate.

Planto casas de papel
Q voam para o céu
E choro com pesar
O triste fim de meu par.

Preciso de uma analista vidente
Q de súbita maneira, ou de repente
Veja novamente, o q sente
Meu coração irreverente
E casualmente adentre minha mente.

Solução? Ultrapassada visão
De um cordão de samba canção
Muito ancião. Busco pontes de amizade
Linda parte de uma arte sem necessidade
De pedir perdão.

Totalidade

Ações polidas prontas a partir em mil pedaços
Letargicos em um hoje, amanhã ou sempre, repetidas
em uma longa estrada em direção ao nada.

Verão amassando a cortesia das balconistas
De supermercado, resolvidas a tratar de um caso
Mais sério do que o seu, talvez uma questão de
Vida ou morte, em frente a uma tela de celular.

De repente, ouço uma canção nova
Ouvida por entre paredes, sem significar mais
Do que um novo modelo de tranqueira brilhosa
Vendida na mais próxima esquina.

Prentensioso? Mergulhado no mais profundo caso de
desejo de distinção, busco num balcão
De amarguras deitar um leve pensamento de
repentista de carnaval, esquecido de menção nos
arquivos dos anais, talvez literais.

Maracana

Testes afoitos de cem mil vozes
Q se perdem no nada, amanhã ou hj
Ou pra nunca mais serem ouvidas.

Fazem-de cegos, surdos e mudos
Entre uma comemoração e outra
Sabe-se lá do quê, ou de quem
Pra nunca mais ser como eram.

Um gigante avolumado
Destronado pelo vil dólar
E caçado por brocas cegas
De metal aonde alegam
Construir um novo amanhã
Feito de papel machê
E vestido de artificialidade
Aonde todos mentem
Um pouquinho a mais
E vestem-se da poeira tola
De um amanhã de escombros.

Outro

Qualquer um q visse
"Descobrimo berenice"
Por detras da porta...
Parindo uma bola!

Talvez achasse que
Depois da arte
Encontrasse
Uma claque
Aplaudindo
O calor
Merecido
De estar certo.

Brincando sobremaneira
Com os maneirismos
Da linguagem
Uma bobagem
Só, mas menos
Boba
Do q a dor de
Se sentir só.

Formas

Tateio pelo escuro

Um muro sujismundo

Baseado em forças

Do além da imaginação.

Busco por um olhar

Um terço aonde morar

Para depois do beijo

Novelesco ou dantesco.

Formas q superam a miopia

Dos professores de faculdade

E de seus alunos, da autofagia

Do enorme peso da gravidade.

Resolvo me resignar em moradas

Longe do centro da megalópole

Em uma caixa eivada de hipérbole

E em um diploma de humanas.

Além

Eu penso nas maquinações do homem
E nenhuma delas parece fzr sentido
Eh uma dança das cadeiras
Em que todos permanecem em pé no final
Ou deitados, se preferir.

Atitudes, emboscadas sorrateiras
Perscutam a alma até do mais voraz
E do mais sensível entre nós
Até que saem do seu esconderijo
E pintam tudo de cinza.

Vozes desencontradas pintam a alma do futuro
E alegam ter encontrado a verdade final e última
Mais uma decepção vestida de escarlata
Escrava da miséria do real.

Busquemos, porém, um ponto de reticencias
Uma novo agouro aonde nos sentarmos
Uma visão etérea de um novo pressentimento
Bordado de esperanças e que monopolize
A fome de viver dos que ainda estão aqui.

Namoral

Faço daqueles q partiram
Um retoque da linhagem
Um chique detalhe perante a burguesa
Fome de existir
dentre a estreiteza
Dessas palavras vãs.

Dou um lindo retoque
Com um simples toque
Um bordão envelhecido
Em barris de carvalho
Um dente de alho
A matar a vampiresca
Necessidade de aparecer Importante e, acontecer
De uma vez por todas.

Numa sombra de detalhes
Com vidas a la carte
Passo por entre sinais da cidade
E todas as velhas fases
De uma historia por terminar.
Conto casos de um mundo mudo

Que ainda não existe

Mas que persiste ludico e profusa

Vontade de evanescer

Oriundo de chagas profundas

Um dislexico aparato de sentidos

Q formam sorrisos

No fundo do entardecer.